

# Migrantes haitianos e mercado de trabalho no Distrito Federal.

## Uma análise sociológica a partir da perspectiva das relações sociais de gênero

Delia Dutra<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A migração pode ser entendida como um permanente vir-a-ser do indivíduo moderno. Um movimento que está sempre acontecendo, pois, o migrante não sabe até quando, para onde ou como ficará (DUTRA, 2013a, p. 35). Essa procura por uma outra forma de ser e estar no mundo, que se evidencia ao longo de todo o processo de migração, vai adquirindo matizes tão dinâmicas que desafiam o trabalho de *pensar* sobre as migrações, notadamente quando isso se faz tendo como base para a reflexão as perspectivas dos próprios atores sociais envolvidos, os migrantes.

Ao longo das suas trajetórias de vida, os indivíduos vão configurando um espaço próprio, singular, que lhes outorga diferentes posições na estrutura social. Tais trajetórias são afetadas por diversos fatores, individuais e estruturais, dando como resultado uma variedade de formas de ação social<sup>2</sup>, dentre das quais a *migração* – seja para além das fronteiras do Estado-nação ou dentro delas<sup>3</sup>.

Os fluxos migratórios entre países existem desde muito antes da etapa que atualmente vivemos de globalização. Séculos atrás os fluxos internacionais de migração já geravam redes que agiam como pontes entre sociedades de origem, de trânsito e de destino (SASSEN, 2010, p.166).

Apesar de que tais redes apresentassem claras diferenças com as atuais, em termos de conteúdo e de modos de comunicação, elas existiam em quanto fato social. (...) autores dedicados à imigração têm apontado que atualmente se conservam muitos elementos do passado, como a migração em cadeia e a reunificação familiar (SASSEN, 2010, p.166).

Levando em conta o foco na dimensão trabalho para esta análise, tal como se explicita no título, é pertinente lembrar que, da mesma forma que no passado, as redes se iniciam pela existência de um país receptor onde existe a procura por determinados perfis de trabalhadores. A questão é que essa procura por mão-de-obra num determinado país pode desaparecer sem que, necessariamente, desapareça a rede de migrantes<sup>4</sup>. Isso porque, de

1 Pós-doutoranda (PNPD/CAPES) em Estudos Comparados sobre as Américas, CEPPAC/Universidade de Brasília. Pesquisadora do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) e do LAEMI (CEPPAC/UnB).

2 Quando falamos de ‘ação social’, neste caso específico as ações dos migrantes e dos significados por eles dados a sua condição, estamos conceitualmente na linha proposta por Weber (1944). Isto é, uma ação social onde o sentido dado pelo sujeito está fazendo referência a outros: “passamos a maior parte das nossas vidas na presença imediata dos outros, por isso que, segundo Goffman, os nossos atos estão sempre socialmente situados o que trará consequências sobre a nossa compreensão e significação daquilo que vivenciamos” (Dutra, 2011, p. 135).

3 Migração internacional ou migração interna, são categorias que entendemos como necessárias em termos analíticos, mas é preciso ter em mente que todo e qualquer ato migratório demanda uma mudança de tempo-espaço e, conseqüentemente, uma mudança no próprio ator social envolvido em quanto sujeito que vivencia identidades múltiplas e situacionais (Rivera, 1996) e que carrega sempre a marca do ser de fora (Schutz, 2003 [1944]), a marca de não-ser por não pertencer (SIMMEL, 1983).

4 O mesmo pode acontecer com políticas migratórias específicas e de caráter temporário, ou não permanente. Seria o caso do “visto humanitário” atualmente vigente que o Brasil outorga a cidadãos haitianos.

fato, o retorno nem sempre é viável ou interessa, inclusive por ter se instalado uma cultura de migração que continua estimulando migrações independentemente das mudanças que possam ter acontecido no contexto social, econômico e político dos países de origem e destino.

No intuito de avançar numa compreensão sociológica do que definimos como sendo objeto desse capítulo: caracterizar a inserção de um grupo de migrantes haitianos no mercado de trabalho do Distrito Federal desde uma perspectiva de gênero, organizamos o texto apresentando duas seções principais, para além da introdução e da conclusão. *Primeira*, uma breve contextualização sobre a migração haitiana para o Brasil; *segunda*, levantamos algumas reflexões pontuais sobre gênero e migração, com foco nas especificidades dessa pesquisa em particular. Para isso, apresentamos o perfil dos migrantes entrevistados separados em dois grupos, mulheres e homens migrantes, para caracterizá-los a partir das seguintes variáveis: idade, ano de chegada ao país, estado civil e situação familiar, escolaridade e situação de moradia. Com base nisso, analisamos a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes identificando principalmente três tendências que ocorrem dentre o grupo de mulheres e homens migrantes: a divisão sexual do trabalho, a segregação ocupacional e a discriminação retributiva.

---

## AMÉRICA LATINA E CARIBE: O BRASIL E A MIGRAÇÃO HAITIANA

Passados já mais de 30 anos do que se convencionou chamar de “década perdida” na América Latina – anos 80 no século XX –, no entanto, cidadãos deste continente continuam à procura do seu lugar no mundo, de um espaço onde simplesmente outra vida seja possível.

A migração laboral no século XXI se destaca como um dos assuntos principais na agenda política de muitos países sejam esses países de origem, trânsito ou de destino de migrantes (OIT *apud* DUTRA, 2013b). Três fatores se identificam como essenciais para explicar esse fenômeno: *primeiro*, as mudanças demográficas e as necessidades do mercado de trabalho em muitos países industrializados; *segundo*, a pressão da população, o desemprego e as crises internacionais que atualmente afetam tanto os denominados países industrializados quanto os menos ‘desenvolvidos’; *terceiro*, a formação de redes entre países baseadas na família, cultura e história (*Idem*).

Historicamente o Brasil ofereceu, e continua a fazê-lo, melhores condições de trabalho para profissionais e migrantes qualificados da região da América Latina. Mas, foi a partir da década de 1990 que o país emergiu com mais força como sendo uma opção já não só para migrantes qualificados de países do Cone Sul, mais para aqueles com níveis de escolarização mais baixo (SALA, 2008), sejam eles do Cone Sul como de outros países do continente latino-americano e/ou do Caribe. Com base nos Censos Demográficos de 2000 e 2010, Oliveira (2015) sustenta na sua análise que “muito embora as pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto também tenham predominado nos fluxos nos anos 1990 (34,9%), chama atenção o expressivo aumento desse contingente na década seguinte (42,7%) (...)” (OLIVEIRA, 2015, p. 64)<sup>5</sup>.

Consequentemente, no início dos anos 2010 o lugar do Brasil como país de destino de migração regional se fortaleceu. Oliveira (2015) também analisa com base nos registros do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e explica que a partir desse momento, “(...) o movimento de atração de estrangeiros inclusive se intensificou. Isso levou o IBGE a considerar em suas hipóteses para as projeções populacionais que o país até 2035 experimentaria saldo migratório ligeiramente positivo” (OLIVEIRA, 2015, p. 49).

Nesse cenário brasileiro, a imigração haitiana começa a crescer sistematicamente a partir do ano 2011 chegando em 2013 a se constituir como a primeira nacionalidade no

---

<sup>5</sup> 57% das mulheres entrevistadas declaram ter atingido uma escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto, fato que ocorre com 30% dos homens entrevistados.

mercado de trabalho formal no Brasil, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e em 2014, como a nacionalidade que teve mais admissões durante o ano (CAVALCANTI et al, 2015, p. 107).

---

## GÊNERO E MIGRAÇÃO: ESPECIFICIDADES DA PESQUISA

As reflexões aqui apresentadas tomam como base a interpretação dada à experiência migratória por um grupo de migrantes haitianos e haitianas residentes no Distrito Federal, Brasil. Durante a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas<sup>6</sup> entre o mês de março e junho de 2015 com 14 mulheres e 23 homens migrantes, assim como um grupo focal no dia 6 de Junho de 2015.

Realizamos a análise desde uma perspectiva das relações sociais de gênero com base no conteúdo das entrevistas feitas junto aos migrantes. Isso porque concordamos com Harding (1996) que as diferenças de gênero constituem uma forma chave para que os seres humanos se reconheçam como tais. Além do mais, junto com Roca e Girona (2009), defendemos que adotar uma perspectiva de gênero na análise das migrações supõe compreender por um lado, a significação da construção social da feminilidade, da masculinidade e a desigualdade que se produzem entre os sexos e, por outro, o papel que jogam tais construções na decisão das mulheres e dos homens de migrar assim como o status que a sociedade de acolhida lhes outorga.

Nessa linha de pensamento, poderíamos acrescentar à análise outras categorias como a proposta por Piscitelli (2008, p.266) de “localização, para aludir à posição estrutural das nacionalidades que estão interagindo”. Entretanto, essa (a localização) está já demarcada no próprio recorte da pesquisa que refere a migrantes haitianos – homens e mulheres – residentes no Distrito Federal. Ou seja, não se trata de imigrantes de diversas nacionalidades, mas de homens e mulheres haitianos à procura de espaços no mercado de trabalho, i.e., à procura de tornar viável a vida.

Significa dizer que, o ponto de partida epistêmico encontra-se no entendimento da pertinência da análise da experiência migratória desde uma perspectiva de gênero, porque quando buscamos compreender como homens e mulheres migrantes haitianos residentes no Distrito Federal buscam se incorporar ao mercado de trabalho, nos deparamos com depoimentos que tornam nosso olhar mais atento para as singularidades: “*não quero mudar de emprego, tenho medo de acabar como empregada doméstica*” (Joceline, 52 anos, trabalha em restaurante); “*eu também sou costureiro [... mas,] aqui só mulher tem trabalho de costura*” (Jacques, 44 anos, trabalha na construção civil).

Desenvolver nossa análise com base na perspectiva dos próprios atores sociais envolvidos significa entender que, os significados dados pelos migrantes consultados durante a pesquisa não só referem ao presente vivido, o aqui e agora em Brasília. A interpretação que os migrantes fazem das suas vivências no presente, faz referência há um tempo passado que configura e, por sua vez, é configurado pelo presente e pelo futuro projetado.

Isso tudo faz com que os migrantes ‘moldem’ espaços próprios de vida. Espaços produzidos onde aparecem marcas-traços das condições de serem mulheres, homens, trabalhadores que carregam culturas de origem, histórias de vida, que dizem respeito não só a países, regiões e rotas percorridas (Haiti, República Dominicana, Equador, Venezuela, Acre, São Paulo, Paraná, Santa Catarina...), mas, a núcleos familiares, a práticas cotidianas de ser e estar no mundo. Histórias de vida carregando marcas que se estampam nos próprios corpos racializados e generizados, que falam ou ‘gritam’ através da cor da pele, do sotaque, do penteado, das cores da roupa, das formas de expressar a religiosidade. Porque isso é o que lhes torna únicos, singulares, com características que os diferenciam, mas que também lhes são comuns uns aos outros, eles e nós, em definitivo pessoas querendo *viver com* e já não mais *viver sem*.

---

6 Foram realizadas no total 45 entrevistas semiestruturadas envolvendo tanto homens e mulheres migrantes haitianos, quanto atores intermediários. Para mais detalhes sobre o processo de pesquisa de campo, consultar o capítulo metodológico. Os nomes que são citados ao longo do texto são fictícios para dessa forma preservar a identidade dos e das migrantes que contribuíram com nossa pesquisa.

---

## PERFIL DOS MIGRANTES

Para apresentarmos o perfil dos migrantes entrevistados, 37 no total, fazemos uma primeira divisão por sexo – mulheres (14) e homens (23) – e, em cada grupo, apresentamos a seguintes variáveis: sexo, idade, ano de chegada ao país, estado civil e situação familiar, escolaridade e situação de moradia. Todas essas variáveis nos permitem definir um contexto social a partir do qual passamos a analisar a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes, foco principal da pesquisa.

---

### MULHERES HAITIANAS NO DF

Foram 14 as mulheres migrantes (38%<sup>7</sup> do total dos entrevistados) que contribuíram com a pesquisa, com **idades** compreendidas entre os 33 e 52 anos. Todas chegaram à cidade de Brasília entre os anos 2011 e 2015.

No que tange ao **estado civil**:

- 43% casadas e com filhos no Haiti,
- 14 % casadas com filhos no Brasil (morando junto),
- 7% casada com filho e marido na República Dominicana,
- 14% viúvas,
- 7% separada,
- 7% solteira.

Dados que nos permitem apontar para o fato que 64% são mães-migrantes e trabalhadoras. Quanto ao nível de **escolaridade** atingido no país de origem, observamos baixos níveis de educação no âmbito formal, segundo elas próprias declararam:

- 57% ensino fundamental incompleto,
- 21% ensino fundamental completo
- 14% formação terciária (2 enfermagem)
- 7% curso técnico (cozinha).

Ao serem indagadas sobre a possibilidade de estudarem no Brasil, 36% declararam assistir a aulas de português e somente houve um caso de uma migrante ter feito um curso de corte e costura.

A condição de **moradia** é outra das variáveis levada em conta para compreender as condições de vida desses migrantes que se deslocam à procura de trabalho no DF. A totalidade das entrevistadas mora de aluguel. Dessas, observemos que:

- 57% aluga com outros integrantes da família de origem,
- 14% mora sozinha,
- 21% divide moradia alugada com outros/as migrantes haitianos/as.

Teve somente o caso de uma migrante, trabalhadora doméstica, que mora no próprio local de trabalho, porém, também ela contava com o prejuízo financeiro de pagamento de aluguel, já que lhe era descontado do salário R\$400 de aluguel, ficando, dessa forma, R\$900 de renda líquida mensal (salário nominal R\$ 1300).

---

<sup>7</sup> A partir desse momento, ao longo do texto, os dados quantificados serão maiormente expressados em porcentagem para viabilizar a comparação entre variáveis no marco de uma análise qualitativa.

---

## HOMENS HAITIANOS NO DF

A presente pesquisa entrevistou 23 homens migrantes com idades entre os 18 e os 53 anos, que chegaram ao Brasil entre 2010 e 2014. Podemos identificar através da variável **idade** que o universo de análise dessa pesquisa qualitativa confere com os dados quantitativos publicados pelo Observatório das Migrações Internacionais (CAVALCANTI et al, 2015). Observamos que, a partir do ano 2011 vem se consolidando, ano a ano, um predomínio dos homens sobre as mulheres, assim como uma alta concentração na faixa etária entre os 20 e os 39 anos, do coletivo haitiano inserido no mercado de trabalho formal no Brasil (DUTRA, 2015a).

No que respeita ao **estado civil** dos homens, aparecem diferenças claras se comparados às mulheres, assim como, há também coerência se levarmos em conta a variável idade antes descrita:

- 44% solteiros sem filhos
- 12% solteiros com filhos
- 22% casados com família no Brasil
- 22% casados com família no Haiti

Observemos que: (1) no grupo das mulheres não há nenhuma solteira com filhos. Os homens que se declararam solteiros com filhos, esses últimos foram deixados com a mãe da criança no Haiti, para quem enviam remessas sempre que possível e nenhum deles planeja retornar; (2) a porcentagem dos homens que se declaram solteiros (57%) é bem maior do que a de mulheres solteiras (7%), e isso pode ser explicado pela diferença na faixa etária do grupo dos homens se comparado ao das mulheres.

Entretanto, cabe destacar a importância atribuída ao casamento por parte de um dos jovens entrevistados, Walner, de 18 anos e solteiro, quando manifestou ser um dos seus principais projetos de vida casar com uma brasileira, ter filhos, estudar na universidade e ganhar muito dinheiro.

Quanto à **escolaridade** dos homens entrevistados, declararam:

- 30% ensino fundamental incompleto,
- 26% ensino fundamental completo,
- 17% ensino médio incompleto,
- 4% ensino médio completo,
- 4% sem estudos.

Quando indagados sobre as possibilidades de realizar estudos no Brasil, obtivemos as seguintes respostas:

- 35% estão fazendo aulas de português,
- 4% (1 migrante) está cursando o ensino médio,
- 4% está no supletivo,
- 4% fez curso Pronatec,
- 4% fez curso técnico.

Da mesma forma que o grupo de mulheres, os homens entrevistados moram de aluguel, fato que dificulta mais ainda as chances de mobilidade social desse coletivo de migrantes, sendo que parte importante da renda familiar fica comprometida com o aluguel. Sobre as condições de **moradia** para além do aluguel, quando indagados sobre com quem dividiam a casa, observamos que a situação dos homens é muito semelhante à do grupo das mulheres:

- 61% aluga com outros integrantes da família de origem,
- 17% mora sozinho,
- 22% divide moradia alugada com outros/as migrantes haitianos/as.

Em momento algum, seja se tratando de homens quanto de mulheres, foram identificados

casos de dividir a moradia com brasileiros ou migrantes de outras nacionalidades.

Tanto no grupo dos homens quanto das mulheres, todos encontram-se em situação regular de documentação no Brasil. Isso habilita a todos a possuírem a carteira de trabalho e o CPF. Nesse sentido, após ter caracterizado o grupo de migrantes estudado estamos em condições de iniciar nossa análise da situação laboral dos migrantes entrevistados no Distrito Federal.

---

## SITUAÇÕES LABORAIS DOS HOMENS E DAS MULHERES MIGRANTES

Trabalho, desemprego, condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação retributiva, segregação ocupacional, vulnerabilidade, são algumas das vivências que caracterizam a situação de homens e mulheres de determinadas origens sociais em todas as partes do mundo e que, para alguns – tal o caso dos migrantes haitianos consultados, representa o motor que os impulsiona a se embarcar no projeto de migração internacional.

Para avançar especificamente na análise dos migrantes objeto dessa pesquisa, podemos acrescentar outros fatores como: eventos extremos climáticos (terremoto), a expansão da rede de contatos das migrantes, a necessidade de aumentar e diversificar a renda da família, uma cultura de migração, já que “quanto mais habitual se torna a migração numa determinada comunidade [de origem e de destino], mais mudam os valores e as percepções culturais, de tal maneira que aumenta a probabilidade de futuras migrações” (SÁNCHEZ BARRICARTE, 2010, p.54).

Tais elementos condicionam a qualidade de vida desses homens e mulheres e suas famílias, limitando seriamente qualquer chance de mobilidade social e reproduzindo modelos de vida em sociedades altamente estratificadas. Assume-se, então, que a existência de discriminação para com a mulher e o homem trabalhador migrante, induz fenômenos como o da segregação ocupacional e a discriminação retributiva. Observemos, seguidamente, qual a situação de trabalho que os migrantes entrevistados se encontram no momento que foram consultados.

---

## A SITUAÇÃO DE TRABALHO DE MULHERES E HOMENS HAITIANOS MIGRANTES NO DF

Das 14 migrantes entrevistadas:

- 64% estão empregadas, porém:

1 está cumprindo aviso prévio

2 estão em período de experiência, mas, já foram avisadas que não ficarão no trabalho

- 36% desempregadas, porém:

3 são vendedoras por conta própria

Do total de 23 homens migrantes entrevistados:

- 70% empregados

- 30% desempregados

O quadro 1 apresenta uma síntese das principais atividades desempenhadas pelas mulheres e os homens migrantes no Brasil ou antes da chegada ao país, i.e., no Haiti e/ou na República Dominicana, país que quase a totalidade dos entrevistados declararam ter morado de forma permanente ou temporária antes da migração para o Brasil.

**Quadro 1 – Trabalhos realizados no Brasil, no Haiti e República Dominicana**

| Brasil                     |                   | Haiti - República Dominicana |                                 |
|----------------------------|-------------------|------------------------------|---------------------------------|
| Mulheres                   | Homens            | Mulheres                     | Homens                          |
| Limpeza Restaurante        | Construção Civil  | Costureira                   | Agricultura                     |
| Construção Civil (limpeza) | Supermercado      | Limpeza                      | Construção Civil                |
| Trabalho doméstico         | Aeroporto         | Manicure                     | Costureiro                      |
| Vendedora conta própria    | Restaurante Hotel | Vendedora conta própria      | Vendedor por conta própria      |
| Faxineira                  | Depósito loja     | Cozinheira restaurante       | Segurança                       |
| Diarista                   |                   | Enfermeira                   | Proprietário escola informática |
| Costureira                 |                   | Fábrica joias                | Jardineiro                      |
| Limpeza em Escola          |                   | Recepcionista restaurante    | Fábrica móveis                  |
| Atendente em Lanchonete    |                   |                              | Não trabalhava                  |
| Cozinheira em Restaurante  |                   |                              |                                 |

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa

As categorias ocupacionais registradas neste quadro foram denominadas com base em termos utilizados pelos próprios migrantes. Apresentá-las de forma gráfica no quadro, permite-nos avançar na problematização sobre de que forma o processo migratório pode afetar o percurso laboral dos migrantes.

Nessa linha, observamos que as diversas ocupações ao serem separadas em função da variável sexo – tanto antes quanto depois da migração para o Brasil, nos permitem sustentar que identificamos:

1. uma identidade profissional feminina e masculina que o próprio mercado de trabalho lhes atribui e que não se trata de um fenômeno isolado que acontece no Brasil com os trabalhadores e trabalhadoras migrantes. Trata-se de um fenômeno conhecido como *divisão internacional e sexual do trabalho* (HIRATA, 2009; HIRATA E KERGOAT, 2007) onde haveria profissões culturalmente consideradas como tarefas típicas de serem desempenhadas pelas mulheres (associadas originariamente ao denominado espaço reprodutivo, o doméstico, o cuidado, etc.) e outras típicas aos homens (associadas à condição masculina e, portanto, ao denominado espaço produtivo). Portanto, a divisão sexual do trabalho é um conceito que faz referência a formas de inserção diferenciada de homens e mulheres na divisão do trabalho existente, ou trabalho ‘disponível’ para esse perfil de migrante, tanto nos espaços de reprodução quanto nos de produção social.
2. o fenômeno da *segregação ocupacional* tanto para os homens quanto para as mulheres migrantes. No total dos homens haitianos que estão empregados, 75% trabalham na construção civil e o 25% restante no setor de serviços (aeroporto, supermercado, restaurante e hotel). Em nenhum dos casos, eles trabalham no setor de limpeza, e como mencionamos antes um dos migrantes que trabalhava como costureiro no Haiti e aqui desempenha atividade laboral na construção civil. Ele manifestou sua frustração por não conseguir exercer sua profissão de origem. Já no caso do grupo de mulheres haitianas, somente 21% trabalha na construção civil, e na área de limpeza; a mesma porcentagem trabalha também na limpeza em restaurante, e 14% no setor de serviços domésticos.

Em pesquisa desenvolvida junto a mulheres migrantes trabalhadoras na Espanha, Parella (2005) faz uma análise sobre o lugar de vulnerabilidade que ocupam as mulheres migrantes na sociedade receptora, produto da exploração e discriminação no mercado de trabalho. A autora define a vulnerabilidade como a brecha existente entre padrões de vida de um coletivo com relação a outro – por exemplo, o das mulheres migrantes e o das mulheres

autóctones. O entrecruzamento das condições de classe, gênero e étnica, condena ao coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal e, conseqüentemente, pelo acesso desigual a recursos materiais e à documentação que lhes permita desempenhar seus trabalhos em situação regular.

No cenário analisado na nossa pesquisa, podemos por analogia também trazer essas reflexões para a situação dos homens migrantes, sem desconhecer o fenômeno da divisão sexual do trabalho antes mencionado, assim como as especificidades da segregação masculina. A segregação ocupacional nos permite compreender o quanto os/as trabalhadores/as migrantes podem sofrer pela falta de estima social associada à tarefa desempenhada. No caso particular das mulheres haitianas entrevistadas poucas trabalham no setor de serviços domésticos, algumas já o fizeram no momento da chegada à cidade, mais, no presente conseguiram mudar de emprego, tal o caso de: Yolande, 38 anos, hoje na construção civil e Joceline, 52 anos, hoje lava louça num restaurante. Essa última, quando consultada sobre a vontade de mudar de emprego diz que não pretende fazê-lo por medo a acabar como empregada doméstica<sup>8</sup>.

Associado aos fenômenos de divisão sexual do trabalho e segregação ocupacional, identificamos através dessa pesquisa a existência de *discriminação retributiva* tanto para o grupo de mulheres quanto o dos homens haitianos. Todos os entrevistados recebem um salário mínimo ou pouco mais. O caso de maior renda foi antes mencionado, o da Marie, 46 anos, casada com dois filhos no Haiti. Ela trabalhava no momento da pesquisa como trabalhadora doméstica e morava no local de trabalho. Tinha um salário de R\$1.300, porém, recebia 900 já que lhe era descontado R\$400 para o aluguel.

Significa dizer que, segundo declaram os entrevistados, todos recebem um salário mínimo chegando ao máximo a R\$1.000, no caso de Patrick, casado, 52 anos, que trabalha na construção civil, mas declara ter problemas para se sustentar já que paga R\$600 de aluguel e deve enviar dinheiro todo mês para as filhas que ficaram no Haiti.

Com exceção do Vanel (48 anos, casado com esposa e 4 filhos no Haiti) e da Emmanuelle (43 anos, viúva e sem filhos), todos declararam receber igual salário aos colegas brasileiros que desempenham a mesma tarefa. No caso do Vanel, desempregado no momento da entrevista, ele trabalhava na construção civil. Ele recebia R\$829 mensais, sendo que os colegas brasileiros em igual função recebiam R\$1.000. Não soube explicar o motivo dessa diferença. Emmanuelle, que cumpria aviso prévio no momento da entrevista, trabalhava em restaurante preparando saladas; ela declarou receber salário menor do que as colegas brasileiras, mas, também não soube explicar o motivo.

Com base nessas reflexões, cabe reforçar a ideia de que as condições muito precárias de trabalho e a situação de vulnerabilidade em que muitos dos trabalhadores migrantes se encontram trazem implicações não somente para a vida deles como, notadamente, para o núcleo familiar do qual são responsáveis, gerando mudanças na estrutura social, com repercussões na comunidade local de origem e de destino. Identificamos uma situação de *discriminação retributiva* – pela impossibilidade de receberem salários acima do salário mínimo, seja que se trate de homens e de mulheres – que, associada à segregação ocupacional e à discriminação por gênero produto da divisão internacional e sexual do trabalho, resultam numa situação de total vulnerabilidade da população de trabalhadores migrantes e de possibilidades praticamente inexistentes de mobilidade social na sociedade brasileira.

Apesar disso, as condições de vida no país de origem mostram-se tão desfavoráveis que quando consultados sobre o que eles e elas projetam para os próximos anos, 74% dos homens declaram querer ficar no Brasil, porém, somente 36% das mulheres tem a mesma intenção.

Identificamos nas mulheres que deixaram filhos no Haiti muita angústia para melhorar as condições de emprego no Brasil para dar melhores chances de vida para os filhos e tentar a reunião familiar. É o caso da Marianne, 33 anos, desempregada, casada mora com marido e deixou dois filhos no Haiti, para quem enviam dinheiro todo mês mesmo ficando eles sem nada aqui: “eles [filhos] não tem como aguentar sem comer”. Marianne sonha com mudar

8 Em publicação recente de pesquisadores das migrações haitianas no Brasil e na França, Handerson e Joseph (2015) analisam a frustração de algumas migrantes haitianas ao precisar se inserir no mercado de trabalho francês no setor de serviços domésticos.

de cidade dentro do Brasil para poder arrumar emprego, porém ressalta *‘que não seja no setor de serviços domésticos’*. Ela quer trazer os filhos, mas, *“a vida no Brasil está difícil. Tem haitiano que consegue viver melhor aqui”*, mas para ela e o marido tem sido difícil.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, nessa instância, apontar para três elementos que nos interessam nessa dinâmica migratória: a emergência do Brasil como país de destino dos fluxos migratórios regionais, a crescente migração de haitianos para o Brasil e as contribuições da análise de gênero para se aprofundar no estudo desse fenômeno.

Buscando avançar numa compreensão sociológica do que definimos como sendo objeto desse capítulo, caracterizar a inserção de um grupo de migrantes haitianos no mercado de trabalho do Distrito Federal desde uma perspectiva de gênero, foram levantadas algumas reflexões sobre gênero e migração com foco nessa pesquisa em particular. Para isso, apresentamos o perfil dos migrantes entrevistados e analisamos a inserção no mercado de trabalho dos e das migrantes identificando principalmente três tendências que ocorrem dentre o grupo de mulheres e homens migrantes: a divisão sexual do trabalho, a segregação ocupacional e a discriminação retributiva.

Entendemos que trata-se de situações que se sobrepõem e, no marco do processo migratório, reforçam o ciclo de desvantagens cumulativas, iniciado já desde a sociedade de origem, deixando os migrantes numa situação de praticamente inexistentes possibilidades de mobilidade social que lhes permitisse diminuir o impacto cotidiano das três tendências antes mencionadas. Tendências que reforçam sentimentos nos migrantes que vão além da falta de mobilidade social e que dizem respeito a sofrer um não reconhecimento do seu trabalho duro cotidiano no país de destino.

Desta forma, vai se formando uma ordem social onde a distribuição da “honra social” ou prestígio social (Weber, 1969, p. 58) esvazia algumas profissões, como é o caso antes mencionado de rejeição de algumas migrantes para voltar a assumir um emprego no setor de serviços domésticos. No cotidiano do trabalho, não somente os migrantes lutam por sobreviver e por levar adiante seus sonhos e projetos, eles também sofrem pela falta de estima social. Parece ser que, para Thelor, migrante de 31 anos, em Brasília se torna muito difícil mudar o emprego que atualmente possui num restaurante para retomar sua profissão de origem no setor de serviços informáticos. Seus planos agora passam por juntar dinheiro para abrir uma lanchonete no bairro onde atualmente mora para, depois sim, num futuro voltar para o Haiti e voltar a abrir seu próprio negócio de serviços informáticos que perdeu com o terremoto ocorrido em 2010.

Nesse sentido, entendemos que a experiência de migração internacional, independentemente das necessidades básicas mais urgentes que os e as migrantes de forma geral devam atender, leva incluído finalmente a possibilidade de mudar de vida. Uma mudança que os migrantes estão cientes que poderá ser atingida na medida que uma melhoria no nível de renda aconteça. Fato diretamente vinculado tanto às possibilidades ocupacionais que eles possam encontrar na sociedade de acolhida, assim como ao acesso a opções de moradia e às possibilidades de qualificação técnica profissional de acordo com as demandas do mercado de trabalho no Brasil.

A retomada de uma profissão inicialmente desenvolvida no país de origem como é o caso do Thelor, assim como também a possibilidade de explorar outras e novas ocupações através da migração internacional, estão diretamente condicionadas às possibilidades de educação formal e/ou de atualização tecnológica em setores de atividades que registram crescimento no país receptor.

As ações até o momento desenvolvidas no Brasil para qualificar os imigrantes haitianos referem basicamente ao ensino do idioma português por parte de algumas organizações do terceiro setor e a abertura de vagas em algumas poucas universidades brasileiras destinadas à qualificação de imigrantes haitianos.

Além do mais, na medida em que a renda dos migrantes não fique tão comprometida com a moradia (aluguel), na medida em que eles possam ser também incluídos em

programas habitacionais junto à população local, e que diversos cursos de capacitação sejam oferecidos de forma a estimular a capacidade da população migrante se adaptar e aproveitar às necessidades do mercado de trabalho no Brasil, estar-se-á investindo numa população migrante, residente regularmente no Brasil, predominantemente jovem e disposta a trabalhar e projetar sua vida no país.

O Brasil para os migrantes haitianos até pode não ser o país que muito deles escolhessem como primeira opção de migração, porém, o Brasil vem sendo uma porta que se abre para uma migração regular, com possibilidades de acesso à documentação necessária para procurar o emprego e para trazer suas famílias. O desafio é dar conta de não tão somente sobreviver, mas de se projetar e se realizar tanto no âmbito laboral quanto familiar e cultural. Poder viver em quanto haitianos migrantes no Brasil, a sua cultura e suas crenças, numa interação com a diversidade da cultura local e de outras culturas migrantes.

---

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L.; ALMEIDA, S.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. Os imigrantes haitianos: perfil e características da principal nacionalidade no mercado de trabalho brasileiro. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015, p.105-124.

DUTRA, Delia. Os migrantes no mercado de trabalho formal: perfil geral na série 2010-2014, a partir dos dados da RAIS. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015a, p. 59-76.

DUTRA, Delia; ALMEIDA, Sandro de; TONHATI, Tania; PALERMO, Gabrielle. Os estrangeiros no mercado formal de trabalho brasileiro: Perfil geral na série 2011, 2012 e 2013. *Cadernos OBMigra*, v.1, n.2, 2015b, p. 74-135.

DUTRA, Delia. *Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília*. Brasília: CSEM; Sorocaba, São Paulo: OJM, 2013a.

DUTRA, Delia. Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil. *Anuario Americanista Europeo*, n.11, p. 93-108, 2013b.

DUTRA, Delia. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. *Rev. Inter. Mob. Hum., REMHU*, n.40, p. 177-193, 2013c.

DUTRA, Delia. Experiências e significados de ser migrante. Mulheres residentes em Aracaju e Caxias do Sul. In: DUTRA, D.; MARINUCCI, R.; SANTIN, T. *Vidas em trânsito. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*. CSEM: Brasília, 2011, p. 128-143.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v.9, n.2, 2015, p.1-33.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *Sociologias*. Porto Alegre, No21, p. 24-41, jan/jun 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. v 37, No 132, p. 595-609, set/dez 2007.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. O perfil geral dos imigrantes no Brasil a partir dos censos demográficos 2000 e 2010. *Cadernos OBMigra*, v.1, n.2, 2015, p.48-73. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra/article/view/14895/10661>.

PARELLA RUBIO, Sònia. Segregación laboral y “vulnerabilidad social” de la mujer inmigrante a partir de la interacción entre clase social, género y etnia. In FLAQUER, Lluís; SOLÉ, Carlota (Eds.). *El uso de las políticas sociales por las mujeres inmigrantes*. Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005, p.97-136.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008, p.263-274.

QUIJANO, Aníbal. El laberinto de América Latina: ¿Hay otras salidas? *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, enero-abril, 2004, p.75-97.

RIVERA, Silvia C. Desafíos para una democracia étnica y de género en los albores del tercer milenio. In: RIVERA, S.C. *Bircholas. Trabajo de mujeres: explotación capitalista y opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Paz y El Alto*. La Paz, Bolivia: Mama Huaco, 1996, p.01-69.

ROCA i GIRONA, Jordi. Reproducir la reproducción: mujeres migrantes y economía informal. In: TÉLLEZ INFANTES, A.; MARTÍNEZ GUIRAO, J.E. (eds.). *Economía informal y perspectiva de género en contextos de trabajo*. Barcelona: Icaria, 2009. p.153-168.

SALA, Gabriela Adriana. Perfil educativo y laboral de los nuevos y viejos migrantes regionales censados en Argentina y Brasil. *Migraciones Internacionales*, v.4, n.4, julio-diciembre, 2008, p. 73-106.

SÁNCHEZ BARRICARTE, Jesús Javier. *Socioeconomía de las Migraciones en un Mundo Globalizado*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.

SASSEN, Saskia. La conformación de los movimientos migratorios internacionales. In SASSEN, S. *Una sociología de la globalización*. Buenos Aires: Katz, 2010.

SCHUTZ, Alfred. *L'Étranger*. Paris: Allia, 2003 [1944].

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In : MORAIS FILHO, Evaristo de (org.). Georg Simmel: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 182-188.

WEBER, Max. Classe, Status, Partido. In : Bertelli, A. ; PALMEIRA, M. ; Velho, O. (orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro : Zahar, 1969, p. 57-75.

WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México : Fondo de Cultura Económica, 1944 [1922], Vol. I.